

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL TÉCNICA DE NÍVEL MÉDIO INTEGRADA AO ENSINO
MÉDIO
CURSO TÉCNICO DE GERENCIA EM SAÚDE

MIRELLA CAVALCANTE COSTA

PIN UP: O CONSUMO DA IMAGEM DO CORPO FEMININO

RIO DE JANEIRO

2011

MIRELLA CAVALCANTE COSTA

PIN UP: O CONSUMO DA IMAGEM DO CORPO FEMININO

Monografia apresentada à Coordenação do
Laboratório de Formação Geral da Escola
Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio –
EPSJV como requisito parcial para conclusão
do Curso de Educação Profissional em Saúde
Integrada ao Ensino Médio

Orientador: Prof. Gregorio Galvão de Albuquerque

Rio de Janeiro
2011

MIRELLA CAVALCANTE COSTA

PIN UP: O CONSUMO DA IMAGEM DO CORPO FEMININO

Monografia apresentada à Coordenação do Laboratório de Formação Geral da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – EPSJV como requisito parcial para conclusão do Curso de Educação Profissional em Saúde Integrada ao Ensino Médio

Aprovada em Fevereiro de 2011,

BANCA EXAMINADORA

Prof. Gregorio Galvão de Albuquerque
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/FIOCRUZ)

Prof^o Me. José Buarque Ferreira
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/FIOCRUZ)

Prof^a Larissa Machado
Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/FIOCRUZ)

Rio de Janeiro
2011

*Dedico este trabalho ao meu mais
delicioso e feliz pecado, Giovanna.*

AGRADECIMENTOS

Muitos acham que começar a escrever é uma das tarefas mais fáceis de realizar, porém para mim, esta é a parte mais difícil de um texto, uma vez que se prepara o seu leitor para aquilo o que você tem a dizer e vos falo mais uma vez que pra isto é muito difícil, pois me preocupo em fazê-lo de forma gentil e limpa, principalmente quando se trata de agradecer algo a alguém. Começo então expressando o quão complexo e prazeroso foi realizar este projeto, e dizendo obrigado primeiramente ao Laboratório de Gestão da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio pela imensa paciência que tiveram comigo, pois não conheço nenhuma outra equipe que se dispusesse tanto para um aluno como vocês fizeram por mim.

Por conseguinte sou imensamente grata a equipe do NUTED, pois antes de professores e funcionários, eles eram amigos tentando me ajudar e me abrir os olhos. Agradeço, portanto por me acolherem em um momento de necessidade e agradeço também pela ajuda de todos, já que minha orientação foi dada praticamente por um laboratório inteiro e não somente por uma pessoa.

Agradeço também a minha mãe que com sua experiência, me ensinou o que é realmente fazer uma monografia, sendo minha tutora particular e me dando broncas, mas dadas de forma tão gentil, que somente uma mãe de verdade saberia fazê-lo. Mãe gostaria que soubesse que sou muito grata pelo que fez.

E por último, contudo não menos importantes, agradeço aos meus amigos, sejam eles ou não da EPSJV, agradeço a vocês por me ajudarem a construir quem sou atualmente, por me animarem em meus momentos de tristeza e me acompanharem em meus momentos de alegria. Vocês são o meu maior vício, me embriagando com seus respectivos sorrisos e me deixando de ressaca quando se descuidam.

Eu amo todos vocês e ainda ousou dizer que se não fosse pela nossa amizade a Mirella de hoje não existiria, pois ela já teria desistido no meio do caminho. Obrigado.

*“O corpo está no centro de toda relação de poder. Mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica”
(Perrot, 2005: 447)*

RESUMO

Esta pesquisa bibliográfica discorre sobre assuntos pertinentes para o entendimento da construção do ser social feminino. Contextualiza a função da mulher no espaço social. Aborda ainda a relação, mulher, corpo, pecado e religião. Estuda e analisa as Pin Ups em uma visão histórica da sua origem. Aponta principais autores e modelos das Pin Ups. Observa alguns aspectos sobre o consumo da imagem do corpo feminino a partir das Pin Ups. Discute e analisa a reprodutibilidade da imagem da mulher nos anos 50 e da mulher contemporânea. Delineia por fim tanto as convergências quanto as divergências entre essas imagens.

Palavras-chave: Pin Ups, mulher, imagem.

ABSTRACT

This literature discusses issues pertinent to the understanding of the social construction of being female. Contextualizes the function of women in social space. Also addresses the relationship of a woman body, sin and religion. Studies and analyzes the Pin Ups in a historical view of their origin. Points lead authors and models of Pin Ups. Some notes aspects of the consumer image of the female body from Pin Oops. It discusses and reproducibility of the image of women in years 50 and the contemporary woman. Finally delineates both the similarities as the differences between these images.

Keywords: Pin Ups, woman, image.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>Figura 1 – Ilustração de Gil Elvgren para Coca-Cola.....</i>	<i>19</i>
<i>Figuras 2, 3 e 4 – Ilustrações de George Petty.....</i>	<i>20</i>
<i>Figura 5 – Uma das ilustrações do jogo Battlestation Midway da EA Games. Estilo de desenho similar aos desenhos das Pin Ups da II Guerra.....</i>	<i>22</i>
<i>Figura 6 – Uma das ilustrações de Marilyn Monroe feita por Vargas.....</i>	<i>23</i>
<i>Figura 7 – Imagem de uma Varga Girl.....</i>	<i>26</i>
<i>Figura 8 – Desenho de Peter Dibren para Revista Flirt.....</i>	<i>27</i>
<i>Figura 9 – Dita Von Teese , considerada uma das Pin Ups contemporâneas.....</i>	<i>28</i>

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. MULHER, MULHER, MULHER	12
3. PIN UPS	18
4. ANÁLISE	25
5. REFLEXÕES FINAIS	29
6. REFERÊNCIAS	30

1. INTRODUÇÃO

As discussões sobre a mulher em si e suas “complexidades”, quase sempre chamam atenção de muitos estudiosos, sendo geralmente o objeto principal de seus respectivos temas as representações de sua feminilidade e seu corpo, e apesar de muitas perguntas conseguirem suas respostas, ainda restam indagações, principalmente aquelas que se ligam diretamente do que seria “o ser mulher” e “o ser feminino” e como se dá atualmente a imagem da mesma em nossa sociedade.

O presente trabalho tem como objetivo a análise das mídias disponíveis de cada época a fim de discutir como era explorado o corpo feminino através das mesmas, estudando assim a compreensão, a visualização e a reprodução em torno do sensualismo e do nu feminino que era dado nos anos 50 e como isso influenciou na forma como é apresentada atualmente, tendo como finalidade a compreensão das convergências e divergências entre os valores existentes nas duas épocas.

Para tal investigação foi utilizado como procedimento metodológico o recolhimento e estudo de dados bibliográficos baseados em reflexões de renomados autores das áreas. Também serão utilizadas imagens como objeto de estudo, para servir de suporte quando necessárias, na interpretação e análise das informações apresentadas.

Com isso, a seguinte pesquisa aborda as Pin Ups como objeto principal de estudo, uma vez que elas foram a maior representação do sensualismo e da desmistificação do sexualismo feminino ao mesmo tempo em que seus corpos eram extremamente explorados pela publicidade de sua época.

Portanto o trabalho tem como justificativa não somente suprir a curiosidade sobre esse olhar estereotipado que se criou da mulher, mas também esclarecer como houve essa transição de olhares, tanto da mídia quanto da sociedade, buscando através de sua história enxergar os valores criados e sustentados atualmente sobre o feminino.

Contudo, para começarmos nossa análise é preciso primeiramente reconhecer a mulher socialmente construída ao longo dos anos, saber o porquê e como seu corpo virou sinônimo de sedução e para isso teremos que fazer uma pesquisa em torno da cultura ocidental que foi principalmente influenciada pelas religiões judaico-cristãs.

Em seu estudo, Marli Wandermurem¹ sugere que para reconhecer e estudar a mulher, é necessário conhecer seu corpo, uma vez que é através dele que a história dela se constrói e, portanto precisa-se:

“[...] refletir sobre o espaço de identidade feminina, isto é: o seu corpo. E, conhecer os sentidos construídos no corpo feminino, obrigatoriamente, necessita-se focar a Teologia, porém, analisar corpo feminino, hoje, significa apontar a importância de suas diferentes experiências que por muito tempo foram negligenciadas e reprimidas pelos discursos teológicos, criando inúmeros dogmas para hostilizá-lo e torná-lo profano.”

Logo, o estudo do primeiro capítulo é imprescindível para pesquisa uma vez que aborda a contextualização da mulher, a associação de seu corpo com o maligno, o porquê de a mulher ter sido dada como inferior em alguns períodos etc. Auxiliando assim a compreensão da construção do ser social feminino e a relevância que o movimento Pin Ups teve em seu tempo.

No capítulo seguinte, encontraremos o contexto histórico das Pin Ups, analisando o contexto de sua época, seu surgimento, seu ápice, seus ideais, seus principais autores e sua “decadência” baseados nos estudos de Maria Elena Buszek.

No terceiro capítulo, a reprodutibilidade das imagens da Pin Ups seguindo os estudos de Walter Benjamin, ao mesmo tempo em que analisamos três imagens de Pin Ups diferentes, com o propósito de pontuar e avaliar as diferenças entre si de acordo com as respectivas mídias disponíveis em cada época, analisando assim as divergências entre si e pontuando fatores que tenham contribuído para as possíveis mudanças.

E por ultimo, na conclusão, construiremos as considerações finais a partir das informações apresentadas durante o estudo, acreditando que ao refletir sobre tal, será dada uma contribuição não somente para os estudiosos e profissionais, mas também, para sociedade como todo, incentivando assim a crítica, a análise de diferentes opiniões e quiçá contribuindo mais tarde com a elaboração de novos estudos.

¹ Corpo feminino, corpo sedutor, corpo profano: a construção teológica do corpo feminino como simbologia do mal; Reger virt.: rev. Gen. Relig., Salvador, v. 1, n. 1, p. 6, jan./jun. 2007

2. MULHER, MULHER, MULHER

De acordo com uma famosa marchinha de carnaval que fez sucesso no ano de 2010, “a mulher é a mulher”², ou seja, uma a mulher não seria nada mais nada menos que mulher, não havendo outra explicação plausível para descrevê-la, em que seu estado físico de mulher já lhe é um privilégio por tal fato. Nesse ponto, a marchinha ganha crédito, uma vez que tenta mostrar com bom humor que não há exatamente um bom argumento que descreva o ser mulher por completo senão a própria mulher, entretanto há mesmo assim, uma tentativa por parte de muitos entenderem o que seria a mulher.

Segundo o minidicionário Aurélio a palavra mulher se aplica ao seguinte conceito:

“**mu-lher**: *sf.* 1 Ser humano do sexo feminino. 2 Esse mesmo após a puberdade.3 Esposa.”

Apesar de simples e de fácil entendimento, tal esclarecimento não supre todos os questionamentos que envolvem a representação da mulher ocidental atual, e nem deveria. Contudo o mesmo dicionário designa uma explicação, não mais complexa, porém mais elaborada da palavra homem, em que este surge como:

“1.Qualquer indivíduo da espécie animal que apresenta o maior grau de complexidade na escala evolutiva; o ser humano.2 A espécie humana; a humanidade.3.Ser humano do sexo masculino; varão.4.O homem (3) na idade adulta.5.Adolescente que atingiu a virilidade. [PL.:*-mens.*]”

Embora o termo sexo que o minidicionário atribuiu à definição da palavra mulher esteja estritamente ligada às características que diferem um macho de uma fêmea, podemos perceber que a imagem e o conceito de mulher quase sempre trazem consigo algo ligado primeiramente ao apelo sexual, o que na definição de homem podemos perceber que a questão sexual mesmo sendo biológica, não é uma das primeiras apresentadas pelo dicionário, ou seja, por mais coincidência que isto possa parecer (ou ser), a mulher geralmente é vista e reconhecida primeiramente a partir das características que a tornam mulher, que no caso seriam os seios, os quadris largos, cintura marcada etc.

Atualmente, a mulher é apreciada justamente por tais características. Dada como forte, guerreira, corajosa e todos os tipos de qualidades possíveis, a mulher de hoje é considerada um ser maravilhoso por ser mulher, admirada pelas nuances de seu corpo, sensual por natureza, porém antes mesmo de ser admirada a figura feminina foi discriminada por anos pelo mesmo fator que a faz ser apreciada atualmente, sendo, como determina Marli

² Mulher, Mulher, Mulher – Nequinho da Beija Flor (2010)

Wandermurem em seu trabalho, alvo de um discurso que a constrói em um ser socialmente negativo afastando-a e inferiorizando - a assim dos espaços sociais. A mulher foi sendo ensinada e moldada de acordo com aquilo que vive, portanto o modo como fala, anda e como se porta varia de acordo com as coisas que lhe foram passadas, deste modo transmitindo aquilo que ela e sua correspondente casa, sociedade, comunidade, grupo etc são culturalmente.

Os corpos das mulheres expressam valores éticos. Por isso, as mulheres lidam com um corpo que adotam mediante o modelo em que nascem e são educadas, e com o corpo que elas mesmas acabam assumindo. Os valores éticos da sociedade e das religiões impregnam a corporalidade feminina e não só do ponto de vista da moral sexual, também da moral pessoal, interpessoal, social e religiosa (WANDERMUREN, 2007, p.11).

Como Wandermurem já expõe no trecho acima, o discurso de submissão da mulher parte da influencia que a sociedade ocidental sofreu das religiões, através de suas histórias e mitos que além de relatarem sobre a relação do homem com Deus, nos conta sobre a origem da vida e conseqüentemente sobre a origem da associação da mulher ao pecado.

As religiões judaico-cristãs foram as mais disseminadas pelo ocidente, sendo suas histórias passadas através da Bíblia, que através de seus livros legitima essa correlação da mulher com o mal, fazendo com que se adote determinado comportamento para lidar com esse considerado pecado em forma de gente, tal como a alegação e confirmação da inferioridade e a natural submissão feminina.

Isso pode ser visto no primeiro livro da Bíblia, o Gênesis, que descreve como Deus construiu o universo, no principio não havendo nada, Deus cria o céu e a terra, a partir dali a luz, o dia e a noite, os mares, as plantas, os seres vivos e finalmente o homem. Não satisfeito, Deus decide dar ao homem uma companheira:

Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma ajudadora que lhe seja idônea [...] Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre o homem, e este adormeceu; tomou-lhe então, uma das costelas, e fechou a carne em seu lugar; e da costela que o Senhor Deus lhe tomara, formou a mulher e a trouxe ao homem. (GENESIS 2: 18)

Este trecho mostra a difícilíssima tarefa que é não ter uma interpretação machista, tendendo a crer que o ser feminino será submisso ao masculino a partir do momento que foi feita dele, tampouco podemos levar tal fato como coincidência, já que

Durante séculos a Bíblia foi escrita, lida e interpretada por homens; Ultimamente se tem feito sentir a necessidade de uma releitura dos textos sagrados pertencentes à tradição religiosa cristã, de acordo com uma nova hermenêutica histórico-bíblica que leve em consideração o fato de processo de produção de bens simbólicos no interior do cristianismo tem se voltado ao longo dos séculos para a manutenção do domínio masculino sobre o sagrado (MARTINS, p.1).

Porém mesmo com a necessidade de se fazer essa releitura da Bíblia, é quase impossível interpretar tal trecho apresentado de forma que não dê a entender que a mulher além de ter o dever de ser submissa pelo fato de ter sido feita a partir da costela do homem, foi criada com o simples intuito de acompanhar e ajudar o homem, até por que como foi exposto por Martins, não somente a escrita, mas como também a leitura dos textos Bíblicos era realizada por homens, estes tinham por sua vez o dever de através desse trecho talvez, afirmar a condição de inferioridade feminina perante o homem.

Portanto tal fragmento demonstra que Deus criou a mulher para acompanhar o homem, contudo somente no capítulo três do Gênesis é que a mulher acaba sendo reconhecida como sinônimo de pecado, sendo este fato desencadeado pela serpente que tenta a mulher a comer do fruto proibido, dizendo-lhe que se provasse do mesmo não iria falecer, mas sim se igualar a Deus conhecendo o bem e o mal,

Então, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, comeu e deu a seu marido, e ele também comeu. Então foram abertos os olhos de ambos, e conhecerem que estavam nus; (GÊNESIS3: 6)

Com esta atitude Eva condena não somente a si, mas também e a seu companheiro Adão ao desobedecer a uma ordem de Deus, e este furioso, expulsa os dois do paraíso e diz a Eva: “multiplicarei grandemente a dor da tua concepção; em dor dará à luz filhos; e o teu desejo será para teu marido, e ele te dominará.”

A partir daqui a mulher além de ser condenada a servir ao homem, é culpada por todo mal que acontece com a humanidade, pois além de comer o fruto proibido ainda ofereceu para Adão comer, condenando ambos a serem expulsos do Éden e perdendo assim o direito a vida eterna.

Em seu trabalho Carlos Roberto F. Nogueira mostra que Tomás de Aquino com ajuda do conhecimento aristotélico, justifica o porquê de ter sido a mulher a causadora de toda a agonia vivida pela humanidade:

A mulher foi criada ainda mais imperfeitamente que o homem, mesmo na sua alma (...). Na geração, o papel positivo é o do homem, a mulher sendo apenas um receptáculo. Verdadeiramente não há outro sexo que não o masculino. A mulher é um macho deficiente. Não é então surpreendente que este débil ser, marcado pela *imbecillitas* de sua natureza, ceda às seduções do tentador, devendo ficar sob tutela (*Summa Theologica, I apud Nogueira, quaestio 92, q. 93 e q. 99*)

Mais uma vez vemos que a história de origem da humanidade auxilia o entendimento que a mulher fora criada para obedecer ao homem já que foi feita a partir dele, sendo a

história da criação aparecendo ao longo do cristianismo como justificadora da submissão da mulher face ao homem (WANDERMUREM, 2007, p.19).

Porém, poucos sabem do mito da primeira mulher de Adão, Lilith, que assim como o próprio homem foi criada a partir do pó, “ela nasce do pó assim como Adão, mas de um pó com fezes e imundícies.” (SICUTERI *apud* WANDERMUREM, 1986, p. 28), portanto Lilith já é caracterizada como um ser diferente de Adão, um ser que não é puro, no entanto Lilith é a mulher que sente que esta em pé de igualdade com Adão, uma vez que questiona o porquê de ficar por baixo em todo ato sexual, por que ser dominada por Adão se foi feita da mesma maneira que ele (SICUTERI, 1985; p.35). Nisto Lilith recusa a submissão na hora do sexo e foge, tornando – se assim esposa de Satã, revoltando-se contra os homens e seduzindo-os.

Com a fuga de Lilith, voltamos a história de Eva que é criada para acabar com a solidão Adão e para que lhe faça companhia, aqui vemos que Eva fora criada a partir de Adão justamente para que seja submissa, uma vez que Lilith recusou tais condições para ser companheira de Adão , mas mesmo assim Eva consegue descaminhar a humanidade ao comer o fruto, então cria-se um pensamento que a mulher já carrega o mal em si , pois por duas vezes se entregou ao pecado.

Nogueira menciona em seu trabalho que

Satã e seus demônios constituem a ameaça cotidiana, tramando para a perdição dos homens sobre os quais paira a terrível angústia dos tormentos da perdição eterna. E sua vítima, por excelência, é a mulher, cujo pendor para o Mal possuía uma longa tradição.

Para concretizar ainda mais essa crença, outra história da Bíblia confirma a mulher como ser que atrai o pecado e a desgraça, é o mito dos anjos violadores. De acordo com Wandermurem, o livro de I Enoc apesar de importante teve apenas um fragmento canonizado em Gênesis. O mito relata a vontade que os anjos têm de se enamorarem das formosas filhas dos homens, já que estas os provocam possuindo belos corpos e para isso tais anjos tomam a forma de homens tornando-se assim varões para possuí-las, Wandermurem menciona que o interessa para os anjos não é a beleza em si e sim os corpos que podem possuir a fim de gerar filhos.

O que os anjos buscam não é a beleza, mas os corpos belos e formosos para ser possuídos. Os corpos são objetos prioritários de conquista, em atitude sexual de violação. Mulheres são tomadas para que possam ter filhos. No mito, o varão [anjo] é violador [deseja e possui a mulher] e patriarcal [buscam filhos para se realizarem]. (WANDERMUREM, 2007, p.12)

Desta união nasce os gigantes que assolam o mundo devorando toda a comida do homem e mais tarde na falta dela comem os próprios homens, trazendo a mulher novamente o

papel de culpada pelo mal que cai sobre a humanidade, neste caso sendo o precursor da desgraça, o seu corpo, por ser belo e formoso será sempre ele o que irá atrair o pecado.

Elas se permitiram formar, com anjos, um casal antinatural – união de seres divinos com mulheres o que torna as mulheres também portadoras do mal; é de seus corpos que saíram os gigantes que, agora, ameaçam a humanidade; elas entregaram seus corpos aos demônios o que a história religiosa vem interpretando e a tradição posterior interpretou de várias maneiras [magia, bruxaria, promiscuidades]. Possivelmente, se trata de uma reação de medo: ao situar-se ante a mulher, o não “poder” de compreensão feminina e, as várias formas que as mulheres inventaram para escapar da dominação, ainda que fossem criadas as muitas maneiras para mantê-la, até mesmo pela força. São fatores que fizeram com que os varões vêm vinculando a mulher como uma expressão do diabo e precisam se defender delas. Pela mulher, toda a humanidade ficou exposta e ameaçada. Ela tem participação na ação dos demônios perversos. Nesta perspectiva, o pecado é o feminino que está submetido à perversão. Elas pecam sendo objeto de pecado, isto é, fazendo pecar o varão, por isso, que se definiu teologicamente que o corpo da mulher é evocação do diabo. Ela é o mais pobre e perverso ser da terra. Porém, só se sataniza aquilo que é muito importante. O que implica ser o corpo feminino, é corpo que atrai os varões, é fonte de existência para a humanidade. É um signo poderoso da divindade, por isso resulta ambivalente, ela aparece ao mesmo tempo como paraíso e diabólica, como santidade e expressão de máxima impureza através do sangue menstrual que dá a vida, inclusive para os varões. (WANDERMUREM, 2007, p.12-13)

Portanto o corpo feminino é demonizado por conta do não entendimento humano, a mulher e seu corpo acabam tornando-se algo que se deve ter medo, e o tomando como pressuposto que aquilo que tememos ou afastamos ou atacamos, a sociedade acaba se encarregando de realizar os dois, afastando assim a mulher do espaço público, fazendo-a ser submissa dentro do lar e, portanto lhe atribuindo tarefas domésticas e atacando-a através das palavras, repudiando seus atos, inferiorizando sua inteligência e censurando seus corpos, admitindo-o somente para reprodução da espécie dando a

Mulher a condição de um ser frágil e tutelado, indigno de exercitar a sua cidadania e privar da companhia dos homens, restando-lhe apenas a sublime tarefa de trazer ao mundo os varões de que necessitava a *polis* para garantir [sic] a sua continuidade (NOGUEIRA, p.7).

Portanto a mulher acaba sendo incumbida de somente produzir filhos e cuidar do lar, restringindo-se então ao espaço privado e não se conhecendo, se antes não se sabia o que exatamente era a mulher, agora podemos afirmar que a mulher nada mais é que o seu próprio corpo, pois através dele se fez sua história. Temendo-se e desejando o desconhecido a sociedade machista afasta-se dela, e condenada a se esconder por conta de carregar e ser o próprio pecado, a mulher acabou não se reconhecendo perante a sociedade durante muito tempo, porém de acordo com o passar dos anos a mulher acaba saindo para o espaço público devido os avanços tecnológicos e a crescente necessidade de mão obra. De acordo com Denise Castilhos de Araújo

A percepção da existência do corpo da mulher ocorreu quando ela saiu da obscuridade para o visível, criando uma série de fatos que até então não haviam acontecido, pois as mulheres detinham-se ao espaço de suas casas, ao privado. E, com essa saída de casa, viu-se algo de interessante, o corpo feminino foi desvelado, desejado e, muitas vezes, utilizado como objeto nos veículos de comunicação, para vender quaisquer produtos, apontando, necessariamente, para um padrão estético o qual é recomendável que seja seguido pelos indivíduos.

A partir da mudança desse olhar surge um modelo de mulher construído pela mídia que acaba desencadeando o questionamento da mulher diante a sociedade, ela é explorada pelos meios de comunicação por ser extremamente sexy e não transformar seu corpo e sua sexualidade em tabu, mas ela pouco se importa com isso, pois seu corpo é o que ela é, e ela não sente vergonha disso. A esta nova mulher que inspira toda uma comunidade feminina lhe dão o nome de Pin Up.

3. PIN UPS

Imaginemos um determinado quadro, onde nele temos uma mulher voluptuosa, pernas grossas, seios fartos, cintura de pilão, rosto delicado ressaltado pela maquiagem e quase sempre se utilizando de seus incríveis salto alto, sempre arrumada. Carregada de uma inocência inegavelmente sensual e misteriosa dada através de uma personagem seminua, em que sua pele é exposta de maneira singular, ao modo que seja o suficiente para atizar a imaginação do observador sem a necessidade de nu completo. Doçura e delicadeza são características bem acentuadas independente de ser uma mulher fatal ou não, tendo a capacidade de ser uma mulher extremamente sexy sem o menor esforço.

A esta mulher retratada acima, foi dado o apelido de Pin Up, também sendo conhecidas como *cheesecake*³, porém o conceito desta mulher surgiu antes mesmo do próprio apelido, mais ou menos na virada do século surgem os desenhos de Charles Dana Gibson, que com toda revolução industrial e a crescente demanda de mão de obra e com ela a inserção mais ativa das mulheres no mercado mais a enorme influencia do burlesco que envolvia a atmosfera, vê neste cenário, de acordo com Maria Elena Buszek (2006), uma sociedade com a visão mais aberta sobre a representação da sexualidade da mulher e, portanto propícia a ilustração de uma nova visão feminina, esta sendo representada em seus desenhos como independente, que trabalha tanto em casa como na rua e ao mesmo tempo se sustenta sexy, contudo essa representação da nova mulher foi recebida com desdém, mas mesmo assim a “Gibson Girl” é imposta pela revista *Life*.

As apelidadas “Gibson Girls” tornaram-se conhecidas e logo após bem aceitas, conquistando assim certa popularidade e isto devido a atenção dada tanto ao público masculino quanto ao feminino, uma vez que a “Gibson Girl” era a mulher que sempre usava roupas que estavam na moda, copiadas pelas mulheres de sua época ao mesmo tempo em que tinha um ar sensual e poses sexies que cativava os homens, no entanto o famoso estereótipo da Pin Up ainda não estava construído , já que apesar da representação da nova mulher independente, Gibson se inspirava nas “mulheres reais” que haviam nos EUA, inserindo-as dentro de contextos morais e chegando a sugerir, segundo o estudo de Buszek, que havia um pouco da “mulher real” em cada Pin Up, portanto suas personagens poderiam ser nada mais do que a representação das próprias americanas em situações sensuais. Todavia Buszek afirma

³ Em tradução livre a palavra “cheesecake” significa “torta de queijo”, contudo tal termo é utilizado para determinar garotas extremamente bonitas. Quando uma mulher ou garota se mostrava muito bonita esta era comparada a uma torta de queijo por ser tão doces e deliciosas quanto uma.

que, o que Gibson não esperava que seu breve comentário fosse soar diferente na cabeça das americanas e acabar despertando nessas mulheres o sentimento de que em cada uma delas havia uma Pin Up.

Desse pequeno “incentivo” da parte de Gibson, podemos notar desde já que apesar das Pin Ups não possuírem a intenção de dar início a um questionamento sexual feminino, temos a partir desse momento o principal ponto de partida para esse pensamento e com isso a atenção sobre as Pin Ups engrandece cada vez mais.

Com cada vez mais reconhecimento, as Pin Ups começam a inspirar outros artistas tais como Gil Elvgren, que ficou reconhecido nos anos 20 pelo seu grande apelo comercial uma vez que suas ilustrações eram destinadas a propagandas de grandes marcas como a *Coca-Cola* (Figura 1). Percebemos daqui que o corpo feminino já era explorado sexualmente pela propaganda, claro que em uma escala menor do que atualmente.



Figura 1 – Ilustração de Gil Elvgren para Coca-Cola

Também tivemos inspirações para muitas outras revistas, e dessas outras eis que surge a revista *Esquire*, pensada primeiramente para ser uma revista de roupas masculinas, acabou ganhando um perfil diferente publicando artigos sobre cultura e ganhando destaque pelos quadrinhos *girlie*⁴ publicados por George Petty.

⁴ O dicionário virtual de gírias *Urban Dictionary* reconhece a gíria *Girly*, também conhecida como *Girlie*, como derivada da palavra *girl* e é usada para designar algo ou alguém com características extremamente femininas possuindo ou não traços infantilizados. Podendo ter o termo “patricinha” como gíria equivalente para o português do Brasil.

Apesar de tomar com exemplo as lindas meninas de Gibson, a revista *Esquire* conseguiu criar um perfil próprio para suas ilustrações, pois enquanto as Gibson Girls eram retratos das mulheres americanas em posições sexies em histórias com apelo moral, as Petty Girls, como ficaram conhecidas as meninas da *Esquire* (Figuras 2, 3 e 4), eram inspiradas na sofisticação das mesmas mulheres em poses provocadoras só que com apelo “humorístico” e inocente.



Figuras 2, 3 e 4 – Ilustrações de George Petty

Partindo deste apelo humorístico, temos mais uma vez um incentivo para a libertação sexual feminina, tendo como pressuposto que o humor implantado nos quadrinhos pode ter de certa maneira ridicularizado a situação tanto sexual quanto social da mulher na dada época, fazendo com tais ilustrações tenham sido interpretadas pelas mesmas de modo sarcástico e crítico fazendo-as acreditar que não haveria o porquê de tornar seus corpos um tabu.

Reforçando ainda mais essa idéia, temos em 1940 a chegada do peruano Alberto Vargas a Revista *Esquire*, para substituir o habilidoso George Petty. Buszek relata que os produtores da revista demoraram até encontrar alguém com tanto talento e capacidade de dar continuidade aos traços das Petty Girls, sendo estas provocadoras e engraçadinhas e Vargas conseguiu preencher esta lacuna devido a sua capacidade de reproduzir desenhos femininos, já que quando chegou a Nova York, Vargas visualizou, assim como Gibson, o diferencial que a mulher da *Big Apple*⁵ possuía, decidindo deste modo trabalhar com a sua habilidade de desenho em prol daquilo que o fascinou: a mulher confiante de Nova York.

⁵ Big Apple é o apelido dado a cidade de Nova Iorque.

No entanto a mulher inspiração de Vargas diferenciava da visão de Gibson e Petty, para ele o interessante das americanas era a ousadia e a falta de medo; nenhuma mulher poderia ser comparada a ela e isso era refletido em seus desenhos, que apesar de ter que seguir os traços de Petty no começo, tinha a capacidade e criatividade suficiente para retratar um novo estilo de mulher vislumbrado por ele. As Vargas Girls foram as Pin Ups mais populares e as mais reconhecidas mundo a fora, pois foram elas que deram significado da cultura pop americana, se destacando das outras não por seus atributos mais ou menos fartos, mas sim pela sua postura de mulher fatal com alguns traços fetichistas⁶ e com o mesmo apelo “humorístico” que Petty tinha inventado, contudo ao invés de fazer humor com a suposta inferioridade feminina diante do mundo masculino ele propõe através de suas criações uma inversão de papéis em que o humor é dado pelo jeito “infantil” que o homem pode adquirir diante de uma mulher extremamente bonita e confiante.

A partir desse momento, podemos pressupor que a sociedade feminina nesta dada época já carregava consigo a idéia de “liberdade sexual” no momento que aceita, se vê e questiona a imagem da Pin Up que está ao seu redor, com as Vargas Girls isso fica cada vez mais claro, pois o lado sexual é evidenciado em todas as suas personagens.

Apesar dos desenhos de Vargas agradarem os produtores e também os leitores no ano de 1940, suas Pin Ups ainda não tinham ganhado segundo Buszek “uma voz própria”, elas tinham suas características, mas nada para expressar ou defender, e para isso Vargas começou a desenhar mulheres em roupas militares expressando sua vontade e garra de entrar para as forças armadas, diferenciando mais uma vez dos traços de Petty que ainda não tinha parado de desenhar e fez suas ilustrações com as já conhecidas personagens *girly* mandando os soldados se vestirem para a batalha (Figura 5).



⁶ De acordo a matéria “Desejos Po “artificial” e “magia”, que eram uti população acreditava no poder mís sexualidade em 1887 pelo psicólogo erótico, pois era percebido como e definição de quando há um fetichis geralmente estão relacionados a p algum tipo estímulo. Estes objetos usar fraldas e ser amarrado. Portan que eram marcado pelo o uso d maquiagem de suas modelos e pers

avra fetiche advém de termos como africanos Ocidentais, uma vez que a n somente foi utilizada em relação à eto poderia receber um significado além que na mesma matéria há uma ade de certos objetos ou hábitos que sexual ou até mesmo para acontecer na, algemas até o costume de fumar, aixam no gênero fetichista uma vês rovocativas e o uso carregado de

Figura 5 – Uma das ilustrações do jogo Battlestation Midway da EA Games. Estilo de desenho similar aos desenhos das Pin Ups da II Guerra

Em plena II Guerra Mundial, pôsteres, edições de revistas, fotos, dentre outras coisas com estampas dessas lindas moças são produzidas em larga escala e distribuídas gratuitamente aos soldados de guerra a fim de levantar a moral e dar algum tipo de incentivo para os combatentes americanos, que penduram (to pin up⁷) fotos e desenhos de suas atrizes preferidas em seus armários, dormitórios, fuselagens etc. Além disso, temos também uma ação que impulsiona ainda mais o sucesso dessas meninas chamado “nose art”, que consistia em pintar tais mulheres vestidas com a bandeira americana nos “narizes” dos aviões, demonstrando e representando a corajosa e independente mulher americana. Enquanto os soldados eram incentivados a lutarem por sua pátria e motivados por essas lindas mulheres a voltarem com vivos das batalhas, as mulheres repensavam o seu status social perante a sociedade e qual era o seu real papel dentro dela e se elas estavam ali para realmente para realizar o serviço doméstico.

Em paralelo a esta ocorrência Vargas e suas Vargas Girls repercutem de maneira positiva nesse momento. Porém no período pós II Guerra temos a total transição da tipografia⁸ para fotografia e o grande sucesso do cinema Hollywoodiano, o que influencia na maneira em que as Pin Ups são divulgadas, desenhadas, retratadas, fotografadas e filmadas. Como consequência surge novos talentos e atrações, que ao invés de desenhistas temos um número muito maior de atrizes e modelos como Ava Gardner, Betty Page e [Marilyn Monroe](#), esta última começando na verdade como modelo de Vargas (Figura 6) quando este quando este estava trabalhando para uma nova revista masculina chamada *Playboy*.

⁷ O dicionário *Great Dictionary* define como “to pin up” o ato de pendurar, prender com alfinetes, fixar com tachinhas.

⁸ Segundo o Minidicionário Aurélio, a palavra tipografia consiste em um sistema de impressão que utiliza a forma com a imagem a ser impressa gravada em relevo.



Figura 6 – Uma das ilustrações de Marilyn Monroe feita por Vargas

Com os dados avanços tecnológicos da época, a arte de fotografar tornou-se mais disponível devido às facilidades implantadas para o manuseio das câmeras e algumas revistas, portanto adotado tais máquinas e criando assim técnicas para ajeitar o corpo de suas modelos ao que eles queriam mostrar, uma vez que a fotografia acabava fazendo o real se mostrar real, os desenhos nada mais eram que imagem de mulheres idealizadas por seus criadores, daí o porquê de ser a mulher ideal, ela era apenas concebida na idéia e reproduzida no papel, seu corpo não era o corpo da mulher da sociedade e sim algo que a sociedade deveria se espelhar a ser, as Pin Ups, a partir de um certo momento torna-se o objeto de desejo mundano ,já que essas personagens com o tempo começaram a ganhar um rótulo de mulher objeto a partir do momento em que o conceito de mulher/doméstica começa a ser novamente enaltecido pela massa masculina, tomando como pressuposto que após a guerra a vontade de ficar com a família reunida, com a mulher segura dentro e os filhos brincando era de grande parte dos soldados e homens civis, tendo em vista que outra guerra poderia vir. Portanto as Pin Ups vão sendo criadas para suprir uma necessidade visual/sexual da massa masculina.

Não ficando restritas somente a desenhos e fotografias, as Pin Ups também expandiram para o cinema de acordo com o avanço tecnológico, porém o que se tem é uma reprodução massiva de uma boneca de personalidade vazia, distanciando-se cada vez mais do seu público inicial, em que aos pouco vai perdendo-se a real importância que as Pin Ups

tiveram para as mulheres de sua época, principalmente nos anos 50 em que o conservadorismo volta e o machismo (que ainda continuava) é novamente naturalizado, tornando-se assim o tipo ideal de mulher para se admirar, mas não para casar.

Portanto com o passar dos anos o conceito da Pin Ups vai sendo esquecido junto com seus respectivos valores, juntamente com tal movimento e a importância que essas moças tiveram e representaram ao público feminino, pois com a cada vez maior reprodução em massa, a venda e a comercialização dessa imagem e dessa mulher, temos até hoje o uso vazio de valores por parte da mídia do corpo feminino, já que é a partir deste advento que as Pin Ups começam a perder o que Walter Benjamin chama de *áurea da obra*, uma vez que quando se tem algo reproduzido em alta escala o valor por trás do objeto vai se perdendo de acordo com seu uso desenfreado.

4. ANÁLISE

Vimos até então que as Pin Ups influenciaram uma legião de mulheres através de imagens provocadoras criadas por seus idealizadores, mesmo estas sendo de certa forma, pensadas com outros objetivos como, por exemplo, entreter determinado público com suas ‘tirinhas’ e raras às vezes de vender algum tipo de produto, para Peruzzolo (1998) *apud* Denise Castilhos de Araujo:

Quando o indivíduo olha um corpo através dos sistemas de circulação dos sentidos no grupo cultural, ele vai interpretar esse objeto ou evento como um “corpo” (humano) e não com um amontoado de linhas, formas, pedaços, cores, cheiros, etc, como se não fosse um caos de informações. Um “corpo” é uma construção social e cultural, cuja representação circula no grupo, investida numa multiplicidade de sentidos. Esses sentidos por vezes reafirmam, por outras se ampliam ou remodelam e por, outras ainda, enxugam ou, mesmo, desaparecem. Mas de qualquer forma, as representações se formam de acordo com o desenvolvimento humano num dado contexto sócio- histórico.

Deste modo por mais que as Pin Ups tenham sido primeiramente criadas com um propósito mais ligado para o entretenimento e pensadas de forma elaborada a passar determinada mensagem, a sociedade não enxergava somente uma propaganda ou um “tirinha” permitindo-se assim um olhar diferente daquilo que lhe foi proposto, proporcionando assim um destaque a essas meninas e possibilitando a expansão das mesmas, ampliando assim o seu espaço de atuação, indo não somente de tirinhas, mas também ilustrações próprias, revistas e calendários sendo considerada a representação do feminino da época. Contudo as Pin Ups não inspiravam e “incentivavam” o público feminino apenas por suas posições ou por suas roupas provocadoras, há por trás disso uma série de fatores que colaboraram para seu sucesso e sua grande influência, tais como a tecnologia utilizada e o modo como suas imagens eram feitas e reproduzidas que além de agirem diretamente no modo em que as Pin Ups inspiravam o seu público, agiam também em como elas eram olhadas e interpretadas pela sociedade.

A partir das imagens que serão apresentadas ao longo do capítulo, poderemos observar como cada uma instiga de modo diferente, mostrando as distintas fases das Pin Ups e de que forma eram vistas.

Abordaremos inicialmente as Pin Ups de Vargas, que como já foi dito anteriormente, inseriram o conceito de mulher fatal naturalizando não só o corpo, mas como também a sexualidade feminina. As Vargas Girl (Figura 7) tinham como



Figura 7 – Imagem de uma Varga Girl

característica principal o erotismo e o fetichismo marcado em seus desenhos, podendo ser observados na Figura 7, em que a mulher retratada no desenho parece estar à vontade mesmo com os seios a mostra, percebe-se que na imagem a mulher sabe que está sendo observada e mantém uma expressão natural, não se sente incomodada, muito menos violada. Essa sensualidade natural não é retirada totalmente da mente de Vargas, muito pelo contrário, sua inspiração vem das mulheres nova iorquinas que são levadas aos seus desenhos de modo que fiquem a vontade e mostrem o que realmente são, Vargas observava e captava o que as essas mulheres aspiravam e ainda não tinham conseguido expor devido ao conservadorismo de sua época. Diferentemente das Pin Ups do período pós guerra. Nesta ilustração de Peter D'Abaco (Figura 8) temos uma fase das Pin Ups em que as mesmas estão no seu auge, todavia não significa que a maneira como a mulher americana é vista seja a mesma de antes, aqui ao invés da admiração temos a transformação da mulher em objeto sexual.

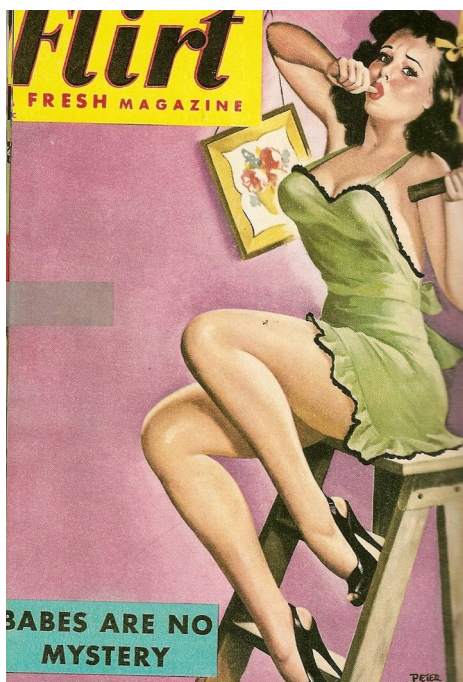


Figura 8 – Desenho de Peter Dibren para Revista Flirt

Observando essa imagem podemos notar uma bela garota que provavelmente machucou seu dedo tentando pregar um quadro a parede, mas na verdade o que temos aqui é uma superexposição do corpo feminino através dessas ilustrações, já que nesse período pós Segunda Guerra o sucesso e a aceitação da mulher e seu corpo foram de certa maneira impostos, e a sociedade é obrigada a aceitar essa liberdade sexual feminina, porém devido à grande demanda e a produção em massa dessas ilustrações, a imagem dessa mulher transforma-se não mais na inspiração de liberdade para as mulheres, mas sim no objeto de desejo sexual masculino uma vez que tanto a mensagem quanto o produto que deveriam ser expostos nas ilustrações dão espaço ao corpo feminino tornando-se este por sua vez o produto e a mensagem.

As Pin Ups a partir deste momento têm seus corpos enaltecidos e acabam sendo comparadas a bonecas sexuais sem inteligência, dando a entender que a mulher deve ser valorizada pelo seu corpo, mas que lhe falta inteligência, o que pode ser vista ainda na figura 8, uma vez que dificilmente uma mulher pregaria um quadro de salto alto, maquiada e usando um vestido curto.

Após esta fase, a tecnologia se põe a favor das artes tornando mais fácil o manuseio das câmeras fotográficas e favorecendo o surgimento de aparelhos que captam vídeos com maior qualidade, deixando assim o observador mais próximo a imagem, porém mais vulnerável a um número absurdo de informações que não conseguem absorver. Há também uma reprodução em massa dessas imagens, em que em determinado momento não se

conseguirá distinguir o que é a imagem original e a cópia, perdendo-se assim a *aura* da imagem, que nada mais é o que Benjamin explica como o momento em que a obra (no caso as imagens das Pin Ups) é produzida, o momento entre o autor e o processo criativo que envolve a ocasião, o contexto em que aquela obra se encontrava e quem a admirava e porque o fazia.

Neste caso, se observamos a Figura 9, vemos a foto da famosa Dita Von Teese,



Figura 9 – Dita Von Teese , considerada uma das Pin Ups contemporâneas

considerada uma das mais famosas Pin Ups contemporânea, todavia o que observamos é uma reprodução das Pin Ups dos anos 50, uma cópia do cabelo, das roupas, da maquiagem, da pose e de outras características, identificando assim um determinado estilo , sendo assim leia-se a mesma mensagem que fora passada as mulheres de anos atrás.

5. REFLEXÕES FINAIS

Deste modo, concluímos que dentre as Pin Ups dos anos 20 e dos anos 50 vemos uma exposição do corpo feminino de modo a instigar seus observadores, porém interpretadas de maneiras diferentes devido ao contexto que estavam inseridas, sendo no primeiro momento, vistas como inspiração para as mulheres para não transformarem seus corpos e o sexo em algo complicado e complexo e sim em algo natural e já no segundo momento vemos a exposição do corpo das Pin Ups como um objeto a ser possuído. Contudo ambas ainda tinham um contexto social no qual suas imagens podiam ser discutidas de forma a repercutir positivamente ou negativamente dentro da sociedade da época, uma vez que a mulher é valorizada em um contexto e desvalorizada em outro, as questões do corpo ainda continuam sendo um tabu. Já a partir das técnicas de fotografias, das reproduções em massa dessas imagens, a sociedade acaba-se “acostumando” a imagem corpo e do sexo, às vezes até banalizando-os. Portanto uma vez naturalizando o corpo, naturalizando-se o sexo e valorizando a mulher sem desvalorizar outro aspecto da mesma, a reprodução da imagem de uma Pin Up é somente isso, uma reprodução de suas características e não de seus valores. Logo quando tentamos comparar os valores atuais com os de antigamente, infelizmente percebemos que não podemos fazê-lo, não porque são muito parecidos ou muitos diferentes e sim pelos simples fato de que essa criação da “Pin Up contemporânea” não existe, uma vez que o contexto em que essas meninas se encontram compreende as questões trazidas pelas antigas Pin Ups como banais, não precisando mais serem discutidas atualmente.

6. REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. tos.

MARTINS, Nereida Soares. **A Maldição das Filhas de Eva**: Uma História de Culpa e Repressão ao Feminino na Cultura Judaico-Cristã. Disponível em <http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2008%20-%20Nereida%20Soares%20Martins%20da%20Silva%20TC.PDF> Acesso em 7 jan. 2011.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **As Companheiras de Satã**: o processo de diabolização da mulher . Disponível em <<http://e-spacio.uned.es/fez/eserv.php?pid=bibliuned:ETFSerie4-E12A8A9E-1756-F998-CCBC-A4306438EC1B&dsID=Documento.pdf>> Acesso em 7 jan. 2011.

ARAÚJO, Denise Castilhos de. **Corpo feminino**: construção da mídia. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd120/corpo-feminino-construcao-da-midia.htm>>. Acesso em: 3 nov. 2010.

BUSZEK, Maria Elena. **Pin-up grrrls: feminism, sexuality, popular culture**. [S.l.]: Duke University Press, 2006.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Disponível em <<http://navi.paginas.ufsc.br/files/2011/04/A-Obra-de-Arte-na-Era-de-sua-Reprodutibilidade-T%C3%A9cnica.pdf>> Acesso em 20 nov. de 2010.